

## A MATRIZ POSITIVISTA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Uma análise das portas de entrada no período Republicano

Claudemir Gonçalves de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

O Positivismo como teoria filosófica inaugurada e sistematizada por Augusto Comte é um dos elementos mais marcantes da história do pensamento educacional brasileiro, embora sua entrada no Brasil tenha se dado não somente pela educação, mas também pela política e pela filosofia, contudo, em terras brasileiras não chegou exatamente como elaborado por seu idealizador, mas, no contexto do estado republicano, sofreu modificações e adaptações para servir a interesses específicos.

**Palavras chave:** Brasil; positivismo; república; filosofia; política e educação.

### RESUMEN

El Positivismo como la teoría filosófica inaugurada y sistematizada por Augustus Comte es uno de los mas marcantes de los elementos de la historia del pensamiento educativo brasileño, sin embargo de su entrada en el Brasil si ha dado no sólo para la educación, pero también para la política y la filosofía, sin embargo, en tierras brasileñas no llegó exactamente según lo elaborado por su idealizador, pero, en el contexto del estado republicano, sufrió a las modificaciones y a las adaptaciones para servir los intereses específicos.

**Palabras-clave:** Brasil; positivismo; república; filosofía; política y educación.

### INTRODUÇÃO

Isidore Auguste Marie François Xavier Comte é sem dúvida um dos grandes nomes do século XIX, É tido como o “Pai do Positivismo” por ser o seu fundador e a maior expressão dessa corrente filosófica, embora os seus pressupostos básicos já estivessem presentes em seu mestre Saint-Simon.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Faculdade Claretiana de Batatais e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Docente PEB II titular de Filosofia na Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo, docente do Instituto de Filosofia “Dom Felício” do Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto; membro docente do NDE do Curso de Pedagogia da Faculdade SEMAR / UNICASTELO em Sertãozinho – SP.  
E-mail: <claudemir.prof@ig.com.br>

Preocupado e absolutamente consciente das necessidades de seu tempo, Comte se desdobrou para dar a ele uma resposta adequada. Em seu pensamento apresenta-se profundamente interessado pela sociedade, mais até que pelo próprio indivíduo, pois acredita ser este um elemento existente para o social.

Os avanços industriais do século XIX podem servir como chaves de leitura para compreender o pensamento comteano, pois, na medida em que servem de alavanca para o forjar de uma nova sociedade, fornecem também o alimento necessário às indagações de Augusto Comte acerca da adequação da mesma a esses novos tempos.

## I - O CONTEXTO HISTÓRICO

Augusto Comte nasceu em 19/01/1798 em Montpellier, na França. Seu ambiente familiar sempre foi muito conturbado e para isso contribuía, em muito, o péssimo relacionamento com seus familiares. Aos 16 anos de idade Comte rompeu definitivamente os laços com a família e mudou-se para Paris onde ingressou na Escola Politécnica em 1814.

Esse fato retrata bem o “espírito da época”, pois A. Comte não queria permanecer na cidadezinha de Montpellier, ele queria voar mais alto, queria a vida urbana, queria os benefícios da industrialização, queria ser cidadão, um homem do século XIX.

Os avanços industriais eram notórios e Paris era um centro cultural, era onde as coisas aconteciam. De 1750 a 1850 a indústria dominou a utilização do carvão, do ferro e do vapor, a oficina evoluiu para a grande fábrica e a empresa individual para a companhia por ações.

Todas as mudanças refletiam-se na explosão de grandes centros urbanos que engoliam as antigas vilas e cidadezinhas agrárias que caracterizavam a “velha” Europa. Paris era um desses grandes centros e contava com uma peculiaridade, respirava ainda os ares de uma revolução, a **Revolução Francesa**.

A burguesia francesa, a maior beneficiária da revolução, a tudo conseguia imprimir o toque do ideário iluminista, a saber, a trilogia liberdade, igualdade e fraternidade, a qual trazia em seu bojo o interesse burguês de ascensão social proporcionado de forma efetiva pelo novo modo de produção, o Capitalismo.

Dessa forma, a Europa do século XIX é uma Europa caracteristicamente industrial, capitalista e urbana. No entanto, o outro lado da mesma moeda não

possuía ainda essa mesma cara, ou seja, estava atrelada ainda a estruturas feudais, ao *Ancien Regime*<sup>2</sup> francês dentre outras.

A Europa do século XIX é uma Europa industrial, mas ainda fortemente dominada pelo poderio da Igreja. Mataram os reis, mas ainda não se livraram dos padres.

A reforma promovida no século XIX se deu profundamente nas esferas política e econômica, no campo das idéias, no entanto, o *Aufklärung*; iluminismo, esclarecimento ou ilustração ainda não eram hegemônicos. O século das luzes ainda não havia brilhado para todos.

Era desse modo que se impunha ao velho continente um novo desafio, criar uma nova maneira de pensar, uma nova racionalidade adequada a esse novo modo de vida marcadamente industrial, capitalista e urbano.

## II - AS INFLUÊNCIAS

Todo filósofo é filho de seu tempo, é um indivíduo contextualizado, situado em um tempo e espaço específicos. Não poderia ser diferente com Augusto Comte. Homem profundamente afetado pelas transformações de seu tempo, outra coisa não fez senão responder às indagações que este lhe proporcionou.

Embora a maior influência sofrida por Augusto Comte tenha sido o que poderíamos chamar de “o espírito da época” já caracterizado no tópico anterior, é pertinente a explicitação de alguns nomes que certamente influenciaram o desenvolvimento de pensamento comteano.

Sob esse aspecto, Saint-Simon (1760–1825) foi sem dúvida a maior influência sofrida por Comte, conforme ele mesmo declara em carta datada de 1818:

Pela cooperação e amizade com um desses homens que vêm longe nos domínios da filosofia política, aprendi uma multidão de coisas, que em vão procuraria nos livros; e no meio ano durante o qual estive associado a ele, meu espírito fez maiores progressos do que faria em três anos, se eu estivesse sozinho; o trabalho desses seis meses desenvolveu minha concepção das ciências políticas e, indiretamente, tornou mais sólidas minhas idéias sobre as demais ciências (...) (Os pensadores; Augusto Comte, 1996; p. 06)

---

<sup>2</sup> Expressão utilizada para designar o modelo social e político francês anterior à Revolução de 1789, no qual a sociedade se encontrava dividida em três ordens ou grupos hierarquicamente distintos em ordem descendente; o Clero, que compunha o denominado Primeiro Estado, a Nobreza no Segundo Estado e na base social, compondo o Terceiro Estado, a Burguesia e os Camponeses.

O tempestuoso relacionamento de Comte com Saint-Simon rompeu-se pelo fato de Comte tender mais para uma reforma teórica ao passo que seu mestre dedicava-se, nesse período, muito mais a atividades práticas.

Digna de nota é também a influência que teve no desenvolvimento do pensamento comteano as obras de Marie Antoine Caritat - o marquês de Condorcet (1743-1794) e de forma ainda mais decisiva o “Esboço de um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano” ao qual Comte se referiria posteriormente como seu imediato predecessor.

Outras influências não tão diretas também podem ser detectadas no pensamento de Augusto Comte, tais como a filosofia de Francis Bacon (1561-1626) e Renè Descartes (1596-1650), para citar os clássicos, e de filósofos, historiadores, ideólogos e economistas contemporâneos seus como Destut de Tracy (1754-1836), David Hume (1711-1776), Adam Smith (1723-1790), Cabanis (1757-1808), Volney (1757-1820) e Jean-Baptiste Say (1767-1863) entre outros com os quais manteve contato durante sua ausência da Escola Politécnica por ocasião de seu fechamento temporário, em 1816, acusada de **jacobismo**<sup>3</sup>.

Em 1844, no entanto, aconteceu um fato que provocaria acentuada influência no pensamento de A. Comte trata-se de sua paixão - não correspondida - por Clotilde de Vaux a qual pretenderá, a partir de então, transformar em sua musa inspiradora a exemplo da Beatriz do escritor italiano Dante Alighieri.

A influência da paixão de Comte por Clotilde provocou-lhe mudanças tão profundas que há quem divida o seu pensamento em duas fases, anterior e posterior a 1844. Certo é que a partir desse período Comte dedica-se a elaborar uma religião positivista, na qual Clotilde de Vaux passaria a ser uma das figuras principais equivalente à Virgem Maria no catolicismo.

### **III - O PENSAMENTO DE AUGUSTO COMTE**

Augusto Comte é sem dúvida a maior expressão do positivismo, sendo seu grande fundador, apesar dele mesmo não considerar dessa forma e atribuir tal feito

---

<sup>3</sup> Pensamento francês extremista do período Pós-Revolução que defendia a conquista da Democracia pela imposição, armada se preciso fosse, da República. Para tanto defendiam o extermínio dos nobres. Recebem esse nome porque se reuniam, inicialmente, no Convento de São Tiago (em latim = Jacobus)

à René Descartes, Francis Bacon e Galileu Galilei, deve-se a ele a sistematização do pensamento positivista.

Augusto Comte enxergava em seu tempo a evolução da indústria e principalmente da ciência, mas acreditava que a sociedade não estava pronta intelectualmente para acompanhar essa evolução porque ainda permanecia num estágio intelectual incompatível com os avanços que se verificavam principalmente no campo das ciências.

A sociedade estava entrando na era do industrialismo e do cientificismo, mas ainda pensava escolasticamente. Para Comte isso era inconcebível. A exemplo de Condorcet, acreditava em evoluções gradativas do espírito humano e para explicá-las elaborou sua conhecida “Lei dos Três Estados de Evolução do Espírito Humano”. De acordo com ele, o primeiro estado seria o Teológico, o estado originário, o mais primitivo no desenvolvimento do espírito no qual os homens atribuem a produção dos fenômenos a entidades sobrenaturais.

O estado Teológico ainda foi subdividido em outros três, em ordem crescente de evolução, sendo o primeiro Fetichista, o segundo Politeísta e o terceiro Monoteísta o qual, segundo Comte, seria o grau mais avançado do estado Teológico. Este estado seria caracterizado pela deposição do poder explicativo dos fenômenos em agentes sobrenaturais; personificações de objetos, vários deuses ou um deus único respectivamente.

O segundo estado seria o Metafísico, visto por Comte como semelhante ao estado Teológico, diferenciando-se apenas por substituir, na produção da explicação dos fenômenos, o concreto pelo abstrato e a imaginação pela argumentação. Contudo, a força produtiva das explicações ainda se encontrava distante do homem, na Natureza. Por isso o estado Metafísico era considerado por Comte como sendo apenas um estado de transição.

Comte postulava que, embora tenham sido estágios necessários ao desenvolvimento, ambos deveriam ser superados pelo Estado Positivo, o terceiro e definitivo estágio de desenvolvimento, dominado pelo Saber Científico adquirido pela via da observação e não mais da imaginação ou argumentação, o qual se caracterizaria pela previsibilidade. “Ver para prever” seria o seu lema.

A “Lei dos Três Estados de Evolução do Espírito Humano” inclui-se na filosofia da história comteana, um dos três eixos que constituem o seu pensamento. Na sua filosofia da história - que não é tão histórica assim uma vez que Comte aniquila a história com sua visão metafísica da mesma, apesar de todo o seu

desprezo por ela - ele tenta justificar porque essa nova forma de pensar Positiva deve prevalecer sobre as anteriores e para isso aposta na força da observação para apreender as leis que regem os fenômenos, diferentemente dos estágios anteriores que buscavam as causas primeiras ou os fins últimos das coisas.

O segundo eixo temático do pensamento de Comte consiste na fundamentação e classificação das ciências. De acordo com o pensamento positivo elas se classificam “naturalmente” da seguinte forma:

- 1) Astronomia - que seria uma física inorgânica celeste.
- 2) Física - que seria um correlato da astronomia, uma física inorgânica terrestre.
- 3) Química - uma “física” dos elementos.
- 4) Fisiologia - ou física orgânica do indivíduo.
- 5) Física Social - uma física orgânica da espécie, que posteriormente seria chamada de Sociologia.

Essa classificação positivista das ciências obedece a um critério originado em Descartes no qual a ordem natural das coisas obedece a um sentido de ir do simples ao complexo, por isso as leis do sistema celeste, que é inorgânico, portanto menos complexas, são mais facilmente observadas e, portanto, ocupam naturalmente o primeiro lugar na classificação. Dessa forma, o que seria possível conhecer dos fenômenos, ao contrário do que postulavam os escolásticos, não era os fins ou as causas, mas tão somente as leis que os regem, pois estas poderiam ser captadas pela observação, único critério válido de conhecimento na ciência positiva. O resto ou seria imaginação ou especulação.

Na sua classificação das ciências Comte não inclui a filosofia, pois reserva a ela a função de organizadora das demais ciências. Seu objeto seria as próprias ciências. Dessa forma ele reduz o papel da mesma a uma atividade generalizadora responsável por organizar a totalidade do conhecimento, isto é, a observação do cientista capta as leis do fenômeno e o filósofo cuida de sua possível generalização relacionando-a com o sistema geral do conhecimento.

Para Augusto Comte a filosofia positiva já estava quase que totalmente implantada, mas percebia-se nesse novo modo de pensar uma imensa lacuna a qual se fazia necessário preencher a fim de realizá-la plenamente. Trata-se da não existência, até aquele momento, de uma física social, ou seja, uma ciência da

espécie humana enquanto coletividade, uma Ciência da Humanidade que era para ele a mais importante de todas as ciências. A fundação dessa ciência da Humanidade constitui o terceiro eixo do pensamento comteano, no qual forjou a Sociologia.

Até por volta de 1842 Comte se dedicou a essa tarefa no “Curso de Filosofia Positiva” uma de suas mais importantes obras. No entanto, como já mencionado anteriormente, é possível distinguir a partir desse período certa mudança no pensamento de Comte e ele passa a se dedicar à instituição de uma “Religião da Humanidade”, uma espécie de “paródia” do cristianismo onde o ser supremo não era mais o Deus cristão, mas sim a Humanidade. Para tanto Comte elabora um novo calendário centrado em personalidades e grandes feitos históricos, um novo catecismo, um novo culto e até mesmo elabora a construção de um templo da Religião da Humanidade, ou Religião Positiva da qual a fórmula sagrada era:

– “O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim”

Sinteticamente podemos apontar como principais características do pensamento de Augusto Comte:

**a)** a Lei dos três estados que consiste na passagem evolutiva do conhecimento humano universal por três estágios distintos; o Teológico, o Metafísico e o Positivo.

**b)** os atributos do conhecimento positivo que são a realidade, a utilidade, a certeza, a precisão, a organização e a relatividade.

**c)** uma classificação das ciências que parte dos fenômenos mais simples e gerais em direção aos mais complexos e específicos (a matemática, a astronomia, a física, a química, a biologia e a sociologia).

**d)** a reforma da sociedade que deveria ser primeiramente intelectual, posteriormente moral e por fim política. É nessa reforma que Comte inclui a Religião da Humanidade formulada no Catecismo Positivista.

O objetivo maior do positivismo pretendido inicialmente por Augusto Comte e posteriormente por seus seguidores era promover uma reforma intelectual da sociedade, a reforma positiva do modo de pensar uma vez que a filosofia positiva era a única capaz de responder às exigências que o saber científico impunha à sociedade como um todo. Para tanto, Comte e seus seguidores, entre eles Émile Littré (1801-1881) seu mais entusiasmado discípulo, embora houvesse renegado o pensamento religioso do mestre, Pierre Laffitte (1823-1903) cuja postura oposta ao primeiro o levou a assimilar do pensamento de Comte principalmente o que se

referia à Religião da Humanidade, estabeleceram uma filosofia crente no progresso e na ciência, a qual se colocava diametralmente oposto ao pensamento escolástico.

Na Inglaterra também o positivismo contou com grandes propagadores tais com Jonh Stuart Mill (1806-1873) e outros não tão conhecidos como G.H. Lewes (1817-1878), H. Martineau (1828-1921) e o fundador da sociedade positivista de Londres Richard Congreve (1818-1899).

#### IV - PROBLEMATIZAÇÃO

O Positivismo se manifestou rapidamente em vários países da América Latina, inclusive no Brasil. Sem a pretensão de realizar um estudo de caso muito prolongado, o que fugiria ao propósito deste trabalho, propõe-se estabelecer uma problematização na passagem do positivismo da França para o Brasil, questão esta, não casuística e tampouco *pró-forma*, mas como um esforço de tentar responder a duas questões propostas e encaminhadas nas discussões e debates pertinentes ao tema no ambiente acadêmico, as quais seriam:

- \_ “Qual positivismo entrou no Brasil”?
- \_ “Porque Augusto Comte como autor para este estudo”?

Embora postas *a priori* como distintas, no bojo das tentativas de resolução, elas não se dissociaram uma da outra, pois comportam um objeto comum, qual seja, o estado da arte do Positivismo no Brasil.

Na resposta à primeira questão encontra-se implícito o objeto da segunda, que ela traz por si só, ao passo quem se pretende também tratar da segunda, e sugere-se como possível resposta a própria pergunta realizada anteriormente. Assim, por uma quase imposição metodológica, abordam-se objetivamente as considerações referentes ao Positivismo no Brasil dando por justificada a escolha de A. Comte como objeto desse estudo.

Ao propor tal discussão se faz imediatamente necessário delimitar seu campo de estudo que não se ocupa de uma discussão quantitativa sobre o positivismo, mas sim de uma verificação qualitativa sobre a ocorrência de tal corrente filosófica no Brasil e em que condições ela se deu, ou ainda, quais os elementos do pensamento comteano que influenciaram ou não o pensamento brasileiro. Trata-se, enfim, de investigar se há de fato a configuração de um Positivismo tipicamente brasileiro.

Existe, portanto, uma tentativa de verificação de como se dá a presença do Positivismo no Brasil, o que torna imprescindível a sua conceituação e a sua tomada como ponto de partida e fio condutor da história, possibilitando traçar um itinerário seguro sobre sua inserção no país.

Por Positivismo compreende-se, agora de modo mais amplo, a filosofia desenvolvida por Augusto Comte que se caracteriza, conjuntamente, pela expressa confiança nos benefícios da industrialização, no otimismo em relação ao progresso capitalista, no culto à ciência e a valorização do método científico, voltados a uma reforma intelectual da sociedade. (COTRIM, 1993, p. 189)

O sucesso alcançado por essa filosofia na Europa foi tamanho que por volta de 1870 ele já se fazia presente em praticamente todo o velho continente e havia se alastrado por diversas outras partes do mundo, inclusive no Brasil. As classes abastadas da economia brasileira do final do Império mandavam seus filhos para as escolas européias a fim de receberem uma educação requintada, que no contexto cultural do período, não poderia existir nas escolas brasileiras. Era, portanto, de caráter extremamente elitista.

Era nas universidades européias que essa classe econômica entrava em contato com as mais recentes novidades, sobretudo no campo das idéias e de modo especial no âmbito filosófico. Quando voltavam ao Brasil, repletos de entusiasmo, cuidavam de divulgar o que tinham visto de novo. Como o tempo que permaneciam fora do Brasil era relativamente pequeno se comparado ao necessário para um bom embasamento filosófico, esses jovens intelectuais acabavam por divulgar apenas superficialidades de uma pretensa filosofia. Quando não, essa divulgação acontecia por intelectuais em sua grande maioria autodidatas que não contavam com a sistematização necessária e acabavam por formar um pensamento difuso e muitas vezes incoerente com suas fontes originais.

É nesse arcabouço intelectual que o Positivismo chega ao Brasil. Os que mais se aproximavam de um Positivismo Ortodoxo era uma fina elite da burguesia urbana que haviam estudado nas escolas técnicas a fim de se dedicarem posteriormente à carreira militar, à engenharia ou à medicina e por isso mantinham mais contato com as chamadas ciências positivas (biologia, física, matemática...).

A rigidez doutrinária do positivismo não se adequava à indisciplina e ao espírito boêmio de nossos intelectuais. (...) As obras de nossos positivistas não revelavam originalidade, embora alguns autores buscassem na filosofia uma renovação cultural e política

do Brasil, dando às suas obras um sentido nacionalista. (CÁCERES, 1993, p. 203 -204)

Essa via de acesso do Positivismo no Brasil acabou resultando num positivismo difuso, reduzido a um cientificismo desmedido, visto como solução para todos os problemas brasileiros da época fossem eles de ordem política, moral, social ou econômica. Homens dogmáticos e intolerantes, mesmo partidários do movimento republicano que apoiava a abolição da escravidão, nossos positivistas não concebiam espaço para a democracia em suas reuniões no **Apostolado Positivista do Brasil**.

Muito embora tenham exercido fortíssimas influências no processo de proclamação da República, assumiam marcadamente uma destacada oposição ao pensamento eclético e religioso que caracterizava esse período histórico brasileiro.

Com isso temos um panorama inicial do Positivismo no Brasil. Trata-se de um Positivismo que teve apropriado apenas uma parte de seu conjunto, seu espírito cientificista e - embora em muito menor proporção - sua teoria religiosa, conforme bem caracteriza CÁCERES.

(...) Maior alcance teve um certo positivismo difuso que deixava de lado a religiosidade do sistema de Comte e se impregnava do espírito cientificista da doutrina, procurando orientá-lo para o útil e para a ação imediata (Ibid p.205).

A filosofia, entretanto, não foi à única via pela qual o positivismo chegou ao Brasil. Outra posterior a essa, nem por isso menos importante também merece uma atenção especial devido ao seu poder de divulgação e a eficácia de seu trabalho em lançar as raízes dessa filosofia no desenvolvimento do pensamento brasileiro.

Se a filosofia no Brasil, ainda que não seja possível considerar como propriamente filosófico o pensamento brasileiro de 1870, com sua precariedade sistemática não conseguiu oferecer um solo tão fértil ao Positivismo, o mesmo não se pode dizer da política educacional brasileira a partir da Primeira República (1889) quando as “reformas” educacionais da época se orientaram pelos princípios dessa filosofia.

O período que compreende a Primeira República, desde a sua proclamação em 1889 até a sua primeira derrocada com a Revolução de 1930, é fértil em fornecer elementos para compreender o enraizamento do Positivismo no Brasil. Já é de muito tempo que se reconhece a participação dos intelectuais brasileiros influenciados pelo Positivismo no processo da Proclamação da República no Brasil. Embora o

lema Positivista - mesmo que adaptado - esteja tremulando na Bandeira Nacional até os dias de hoje, seria exagero atribuir a eles - os positivistas - a Proclamação da República, entretanto, é no processo de consolidação da mesma que se verifica a forte influência que exerceram.

De 1890 a 1892 Benjamin Constant assumiu a pasta de Instrução, Correios e Telégrafos e promoveu a reforma do ensino secundário que consistiu na mudança curricular do colégio D. Pedro II introduzindo o estudo de ciências como Sociologia, Moral, Direito e Economia Política e transformando-o no Ginásio Nacional, condição essa que manteve até 1911 (XAVIER, 1994, p. 106).

Como se tornavam cada vez mais imperiosas as medidas de expansão do Ensino Superior, aliás, uma tarefa teoricamente impossível na época devido o conflito provocado pela divergência dos interesses em questão e que o governo republicano solucionou democratizando os privilégios formaram-se dois segmentos de reivindicações; de um lado pôs-se o Estado que pretendia a expansão e autonomia do ensino privado, de outro se situavam as elites brasileiras que não abriam mão de seus princípios doutrinários.

Havia um sentido originário na defesa desses princípios, que se encontrava na doutrina inspiradora, o **Positivismo**. Expressava o repúdio à ordem feudal, dominada por um estado clericalizado, submetido à Igreja, e um sistema de ensino monopolizado pela cultura religiosa (libid, p. 109).

Dessa forma temos elementos para compreensão do caráter **reacionário** que o Positivismo assumiu nesse momento no Brasil. Uma vez que a postura antifeudal do Positivismo ortodoxo europeu rejeitava de modo veemente as universidades por estas serem, naquele contexto específico, uma instituição tipicamente medieval e tutelada pela Igreja Católica, os positivistas brasileiros, mesmo sem conhecerem o feudalismo e tampouco criarem uma universidade, se embandeiravam nessa luta e com isso serviam perfeitamente como reacionadores do ensino brasileiro impedindo sua expansão. No entanto, opostamente ao que se poderia imaginar, o antifeudalismo, incluindo o anticatolicismo positivista, não teve força suficiente para fazer propagar, no Brasil, a religião da Humanidade, não obstante tenham sido fundados aqui a **Sociedade Positivista do Brasil** em (1876) por Miguel Lemos, Teixeira Mendes e Benjamim Constant, o **Apostolado Positivista do Brasil** e a **Igreja Positivista do Brasil**. Esta última ainda atuante no Rio de Janeiro.

É possível inferir que o caráter antifeudal do Positivismo aplicou-se, no caso brasileiro, como uma forte rejeição à universidade, muito mais intensa, porém, que a rejeição ao catolicismo. No limiar desse conceito podemos antever os primeiros traços de um **Positivismo Tupiniquim**, a saber, um **Positivismo antifeudal**, mas fortemente influenciado pelo pensamento católico.

Pode-se classificar o período de 1889 a 1930 em que se desenvolve a Primeira República, como a **Era de Ouro** do Positivismo no Brasil, pois, embora se manifestasse pela primeira vez na tese de doutoramento em ciências físicas e naturais de Luís Pereira Barreto, ele ainda demoraria algo em torno de meio século para se consolidar como pensamento filosófico autônomo, o que somente acontece posteriormente na República, ainda assim porque o espírito agrário com verniz de modernização forneceu-lhe o terreno fértil para se alastrar.

Do ponto de vista do ideário, a República nasceu sob a influência e inspiração do Positivismo que marca, sobretudo, sua visão educacional. Com isto, opunha-se explicitamente ao ideário católico, propondo a liberdade e a laicidade da educação, investindo na publicização do ensino e em sua gratuidade. Além disso, buscava-se superar a tradição clássica das humanidades acusada de responsável pelo academicismo do ensino brasileiro, mediante a inclusão de disciplinas científicas, no currículo escolar, segundo o modelo positivista. (SEVERINO, 1994, p. 77)

As duas janelas (ou seria melhor chamá-las de portas?) de entrada para o Positivismo no Brasil abordadas até aqui, são a “filosofia brasileira” e a política educacional da Primeira República, as quais já nos fornecem material suficiente para caracterizarmos uma possível resposta às indagações objetivadas anteriormente na problematização desse trabalho. Contudo, nos é possível ainda verificar a chegada do Positivismo também por uma terceira via, desta vez através de uma rápida análise da sua influência nas tendências pedagógicas brasileiras desse mesmo período.

Desde o início do processo de colonização do Brasil, já em 1530, que a educação brasileira se viu sob a tutela da Igreja Católica. Enquanto a coroa portuguesa apostava no trabalho da Companhia de Jesus para incrementar a colonização moldando os costumes dos nativos e impondo-lhes a cultura do colonizador, assim tornando-os dóceis e submissos ao desejo de exploração, os jesuítas, por outro lado empenhavam-se em propagar a “verdadeira religião” e submeter todos aos “desígnios de Deus” tornando assim plenamente compatíveis a colonização, a exploração e a evangelização.

A educação jesuítica baseada no *Ratio Studiorum*<sup>4</sup> perdurou no Brasil mesmo após a expulsão dos jesuítas em 1759 devido à reforma promovida pelo Marquês de Pombal, pois, embora este houvesse banido o sistema educacional jesuíta não colocara nada em seu lugar. Dessa forma não restou aos professores leigos outra alternativa senão continuar, apesar de promoverem algumas pequenas mudanças de caráter insignificante, o método jesuítico que esteve presente no Brasil por mais de duzentos anos “o que mostra, de certa forma, a incapacidade do pensamento laico em superar a organização da cultura forjada pelo catolicismo no Brasil” (GHIRALDELLI Jr., 1994, p.20) e que contribuiu com vários elementos para a constituição da chamada Pedagogia Tradicional.

Embora não consideremos correto identificar Pedagogia Jesuítica com Pedagogia Tradicional, também não seria verdadeiro negar a influência que a segunda sofreu da primeira, no entanto, as bases reais da Pedagogia Tradicional encontram-se nas teorias pedagógicas modernas européias e americanas, as quais, por sua vez possuíam uma raiz comum, o herbartismo<sup>5</sup> que também encontrou um solo fértil para se alojar na realidade brasileira.

Tal posicionamento certamente não encontrará unanimidade entre historiadores ou pedagogos uma vez que muitos identificam como Tradicional todo o movimento pedagógico que acontece no Brasil desde o processo pré-colonizador implantado pelos jesuítas já em 1549 até a perda de sua hegemonia para o movimento da Pedagogia Nova fundamentada no pensamento de Dewey a partir de 1932.

Alguns pensadores, como Demerval Saviani (2007) inclusive, realizam de modo didático um “corte” nesse período subdividindo-o em dois momentos: o primeiro que se estende do seu início até 1759 caracterizando-o como um período de hegemonia da vertente religiosa na Pedagogia Tradicional; e um segundo

---

<sup>4</sup> A *Ratio Studiorum* foi a organização e o plano de estudos da Companhia de Jesus, publicado em 1559 que previa a unidade de matéria, unidade de método e unidade de professor. Determinava ainda uma disciplina rígida, o cultivo da atenção e da perseverança nos estudos baseados ainda na obediência e na meritocracia.

<sup>5</sup> Pensamento Pedagógico forjado pelo filósofo alemão Johann Friedrich HERBART (1776 - 1841) tido como o maior representante da tendência de psicologizar a educação, juntamente com Johann Heinrich PESTALOZZI (1746 - 1827). Herbart via na psicologização da pedagogia a condição para transformá-la em uma ciência. A respeito da psicologia experimental adotada por Herbart, afirmava que à vontade e o desejo não são autônomos, mas sim resultados da atividade intelectual responsável pelas idéias e representações, portanto, para se conseguir um resultado satisfatório das volições dever-se-ia educar o pensamento. Acabou se tornando muito conhecido pelos “cinco passos” elaborados pela pedagogia herbartiana: preparação; apresentação; associação; generalização e aplicação, que rapidamente transformaram-se no “modo natural” de ministrar aulas.

momento que se estende de 1759 até 1932 que se caracteriza pela coexistência de uma vertente leiga no pensamento da Pedagogia Tradicional.

O que verificamos, contudo, é que mesmo apesar de serem possíveis diferentes critérios de periodização do pensamento, não há contestação em afirmar que dentre os elementos conceituais que fundamentam o pensamento pedagógico brasileiro no período em que o estamos abordando, o Positivismo se constituiu como elemento teórico majoritário, ou seja, ainda que se considere como Tradicional todo o pensamento Pedagógico anterior à Pedagogia Nova, há que se admitir que em cada momento, no Brasil, ele é “suportado” por uma matriz teórica específica, e no momento que delimitamos para esse trabalho, essa matriz é positivista.

Dessa forma, pode-se compreender que é pela pedagogia herbartiana que o Positivismo se infiltra na história das tendências pedagógicas brasileiras, pois, uma vez que o Positivismo fornecia ao herbartismo o rigor, a disciplina e a forma de organização curricular, estes foram transmitidos pelo herbartismo à Pedagogia Tradicional da qual ele constituiu, naquele momento, o corpo principal. Em outras palavras, para fugir da influência do modelo jesuítico a pedagogia brasileira se aninhou no colo do herbartismo e com isso tornou-se um campo fértil ao Positivismo.

Esse modelo pedagógico inicialmente embasado de modo indireto no Positivismo continuou avançando no ideário dos intelectuais brasileiros até que em meados da segunda década do século XX, apoiado tanto pela filosofia quanto pelas teorias políticas, já havia se constituído como pensamento hegemônico. Apesar da constante oposição que sofreu por parte da Pedagogia Libertária fundamentada nos movimentos do recente operariado brasileiro, a Pedagogia Tradicional somente começou a ser superada, embora não de modo definitivo, pela Pedagogia Nova formulada nos EUA por John Dewey (1859-1952), a qual acabou se caracterizando no Brasil como um movimento pedagógico, tamanha foi à receptividade que essa doutrina também encontrou por aqui.

Em síntese, temos três vias seguras por onde o Positivismo se aninhou no pensamento brasileiro;

a) a filosofia brasileira à qual forneceu o verniz teórico para a contestação do escolasticismo. E esse talvez seja o seu momento de maior originalidade, a ponto de podermos nos referir a ele como um Positivismo Tupiniquim.

b) as transformações nas políticas educacionais durante o final do Império e em todo o período da Primeira República ao qual o positivismo forneceu o

ideário necessário para a afirmação social da pequena burguesia emergente. Nesse campo o Positivismo forneceu ao ideário intelectual brasileiro os elementos necessários para refutar as amarras que poderiam “frear” o processo de modernização da sociedade brasileira e a conseqüente ascensão burguesa.

c) as tendências pedagógicas onde por intermédio do pensamento pedagógico de John Herbart o Positivismo forneceu à Pedagogia Tradicional no Brasil as condições necessárias para superar, ao menos em parte, o sistema educacional dos jesuítas que representava ainda a presença das arcaicas estruturas medievais. Sob esse aspecto, apontamos para o papel fundamental que exerceu a massificação da escola, pleiteada pela burguesia, na construção do processo de hegemonia política e econômica dessa classe social na realidade brasileira.

Ao derrubar o escolasticismo, o Positivismo cumpriu no Brasil a função de preparar o terreno para os futuros avanços das idéias liberais que trariam em seu bojo, futuramente, a afirmação do capitalismo e da industrialização, embora mesmo até os dias atuais se perceba os resquícios históricos deixados como legado pela “**Era de Ouro**” do Positivismo.

Denomina-se **Era de Ouro** o Positivismo que no Brasil justamente o período que compreende o final do Império, quando os positivistas brasileiros, apesar de seu precário embasamento teórico, conseguem influenciar uma parcela do movimento republicano que obtém seu êxito em 1889, até meados da segunda década do século XX quando começa a ganhar campo no Brasil o ideário liberal promovendo cada vez mais a urbanização, a modernização e a industrialização. Esse momento é com certeza a chave de leitura para qualquer pesquisador que se interesse pela presença do Positivismo no Brasil.

Porém, seguindo o mesmo itinerário ainda é possível que se encontrem muitas questões que carecem de maior precisão por não se tratarem do objeto principal desse trabalho, mas é justamente nesse aspecto que se torna possível justificar a relevância do tema. Para a devida compreensão de sua filosofia e pensamento, apresenta-se a seguir uma breve bibliografia comentada de Augusto Comte para que o leitor consiga acompanhar os passos trilhados até aqui e avançar na discussão para, quem sabe, poder determinar, por exemplo, quais as especificidades daquilo que aqui se denominou de Era de Ouro do Positivismo no Brasil, ou quem sabe, para determinar com mais precisão quais seriam os limites conceituais desse que consideramos como “Positivismo Tupiniquim”.

## V- BREVE BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A obra de Augusto Comte inicia-se por volta de 1830 quando ele principia a publicação do “Curso de Filosofia Positiva” que seguirá até 1842. Essa obra, em seis volumes, é resultado de um curso propriamente dito que Comte ministrava em sua própria casa, no qual ele contava como alunos algumas das mais destacadas intelectualidades da época, entre eles o fisiólogo Henri-Marie de Blainville e o psicólogo Jean-Étienne Esquirol (cf. Os pensadores, p.07).

No “*Curso de Filosofia Positiva*” Augusto Comte tem como objetivo principal demonstrar porque a filosofia positiva deveria prevalecer sobre o Teologismo e a Metafísica. É também nessa obra que ele elabora a sua classificação das ciências, a lei dos três estados e afirma a necessidade de se criar uma Física Social, chamada mais tarde por ele de Sociologia. Didaticamente, como o seu próprio nome sugere, essa obra de Comte é uma espécie de manual do positivismo que contém a elaboração de praticamente todos os conceitos desenvolvidos por Comte, com exceção do seu pensamento religioso que se encontra difuso em outras obras posteriores.

“*Discurso Preliminar Sobre o Conjunto do Positivismo*” é uma obra na qual Comte traduz o espírito geral de sua teoria. Nele estão presentes o culto a ciência (cientificismo) e o seu caráter empirista.

“*Catecismo Positivista*” publicado em 1852 contém a parte sistematizada do pensamento religioso de Augusto Comte. Ele já havia iniciado seu esforço em fundamentar a Religião da Humanidade e o catecismo que ele elabora para a mesma contém desde um calendário positivista baseado em personalidades históricas até uma demonstração (projeto) de como deveria ser um templo positivista.

O primeiro passo para a fundação da Religião da Humanidade, no entanto, já havia sido dado um ano antes, em 1851, quando se iniciou a publicação do “*Sistema de Política Positiva ou Tratado de Sociologia Instituído a Religião da Humanidade*”. Essa obra foi concluída em 1854 e contém toda a teorização que Comte elabora contra o pensamento Teológico e Metafísico dominantes até então nas sociedades modernas, mas completamente incompatíveis com o estágio de progresso industrial e urbano que estas haviam atingido.

É provável que Comte possua outros escritos de menor relevância ou destaque em seu pensamento, mas que infelizmente não nos foi possível conhecer.

## VI - BIBLIOGRAFIA

ARANHA, M. L. Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

CÁCERES, Florival. **História do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1993.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia; ser, saber e fazer; elementos da história do pensamento ocidental**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. **História da Educação**. 2ª ed. São Paulo Cortez, 1994.

MANACORDA, M. Alighiero. **História da Educação; da antiguidade aos nossos dias**. Trad. Gaetano Lo Monaco. São Paulo; Cortez: Autores Associados. 1989.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia; os filósofos do ocidente**. Vol. 3, 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983.

OS PENSADORES. **Augusto Comte**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

XAVIER, Maria E. S. P. **História da Educação; a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994. (Col. Aprender & Ensinar).

Publicação Quadrimestral - Volume 1 – Numero 1. Edição Outubro/Janeiro de 2009    revisão@semar.edu.br